



20 de fevereiro de 2019

A crise estrutural pela qual o Estado do Rio de Janeiro passa há décadas e possíveis alternativas para sua superação.

Palestrante – Mauro Osorio, presidente do Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos.



PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA MUNICIPAL DA CASA CIVIL
Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos - IPP
Conselho Estratégico de Informações da Cidade

CONSELHO ESTRATÉGICO DE INFORMAÇÕES DA CIDADE

Ata da reunião de 20 de fevereiro de 2019

Nesta data, reuniu-se por convocação da presidência do Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos (IPP), o Conselho Estratégico de Informações da Cidade (CEIC), órgão colegiado da estrutura do IPP, de acordo com a Lei 2.689, de 01 de dezembro de 1998, com a seguinte pauta:

A crise estrutural pela qual o Estado do Rio de Janeiro passa há décadas e possíveis alternativas para sua superação

Mauro Osorio:

Acho que hoje temos um bom momento para discutir uma agenda geral, não só econômica, já que não tem mais ninguém defendendo o legado. No período Garotinho tinha gente que achava que o Rio já havia superado a crise. Teve o discurso da inflexão positiva. Depois no período Cabral se falava no bunker, que na minha avaliação nunca ocorreu. Hoje não tem ninguém defendendo nada. Então por esse aspecto pode ser um bom momento para a gente estar discutindo isso e como sair desse ciclo vicioso, que no meu entendimento vem desde os anos 1960 e 1970.

Gosto muito de alguns autores, um deles é o Paul Krugman que diz que uma região pode viver ciclos virtuosos ou viciosos. Eu estava lendo a biografia de Raúl Prebisch, a Argentina tinha o segundo PIB per capita do mundo em 1914 e hoje está na posição 50. Por algum motivo que não sei, eles perderam passos. Acho até que a partir de um período recente o Brasil também perdeu um pouco o passo, mas enfim...

Eu e o grupo de pesquisa que participo temos defendido que há uma crise estrutural no estado do Rio de Janeiro. Uma agenda fundamental é a questão fiscal. Tem uma discussão se a superação dessa crise passa mais pela questão de receita ou despesa. Eu acho que é mais de receita, embora a gente tenha um tema previdenciário que é agudo, mas também que a solução é de médio a longo prazo. Não é de curto prazo. E tem uma discussão sobre o pacto federativo. Segundo dados do Ministério da Fazenda, o governo federal arrecadou em 2017, 150 bilhões de reais no estado do Rio e repassou para os estados e municípios 25 bilhões. É um percentual parecido com o de São Paulo, mas só que São Paulo tem uma estrutura produtiva. Aqui tem empresas estatais, sedes de grandes empresas e formalmente a arrecadação aparece a partir daqui, mas de qualquer forma é uma discussão importante.

Há alguns problemas. Um deles é a Lei Kandir. O Rodrigo Maia vai colocar isso em discussão aparentemente em março. Talvez coloque como um contraponto na negociação para os governadores apoiarem a questão da previdência. O que é a Lei Kandir? Em 1998, o Brasil vivia uma fragilidade externa. O Fernando Henrique propôs aos governos estaduais para facilitar as exportações de *commodities* – dentro da ideia de que não se deve exportar impostos, ou seja, para aumentar a competitividade os países devem procurar que as exportações não tenham impostos – de se ter uma isenção de ICMS na exportação de minério de ferro, extração de petróleo, talvez alguma outra matéria prima, mas principalmente essas duas. No acordo, a contrapartida era que o governo federal iria reembolsar esse ICMS, mas

isso nunca foi regulamentado. Na verdade o governo federal dá um pouco aqui e outro ali. Atualmente, a gente recebe 100 milhões, mas o estado do Rio de Janeiro deveria receber 4 bilhões. Devo escrever um artigo para o Globo sobre isso, fazendo uma provocação: Será que não está na hora de acabar com a Lei Kandir? Por que acabar com a Lei Kandir? Porque quando ela foi feita, nós tínhamos uma fragilidade externa muito maior que hoje. O preço do barril do petróleo estava 13 dólares. Eu ainda não tenho o número do minério de ferro, mas acho que deve ter subido muito até pela demanda chinesa e a Vale também. Enfim, mas devia ser esse valor do minério de ferro mais baixo. De uma forma ou de outra você está estimulando a exportação de produtos primários sem nenhuma agregação de valor. Um professor da Universidade Federal de Juiz de Fora disse que os estados estão quebrados e que para termos uma agência reguladora correta, também, (deveria) se cobrar o ICMS como se cobra de outros setores. Talvez tivesse mais dinheiro para estar usando como agência reguladora aqui. O Paulo Guedes está falando muito contra os incentivos fiscais e contra coisas que sejam somente em cima de alguns setores. Acho que é uma boa discussão, uma boa provocação, Maria Helena que escreve comigo está propondo que (o artigo) seja: Vida e Morte da Lei Kandir.

Devo publicar, mas estou trazendo para discutir aqui, pois acho que a gente discute pouco o Rio de Janeiro. Até hoje ficamos muito no tema nacional. Houve a transferência da capital e praticamente não houve compensação nenhuma, também ninguém pediu. Tem gente que acha que o Banco Central podia estar no Rio de Janeiro até hoje. A ideia é ampliar esse debate sobre o estado do Rio de Janeiro, sem esquecer que a cidade está aqui. Volta uma ideia que, do meu ponto de vista, espero que não prospere. Caso aconteça, vou estar disposto ao debate, que é a criação de um segundo distrito federal. Um professor do IESP, o Cristian, é quem está sugerindo isso. Eu acho que um dos problemas da periferia metropolitana, frágil como nós temos, é exatamente o fato de que em 60 a Guanabara tinha um privilégio tributário. Podia ter arrecadação municipal e estadual. O Lacerda aumentou muito o imposto estadual e depois na reforma tributária a gente passa a ter muito mais ICMS, então a Guanabara vira um canteiro de obras. Mas entre 1940 e 1980 a periferia metropolitana explodiu de gente, principalmente a Baixada Fluminense. As pessoas iam trabalhar na cidade do Rio, geravam riqueza na cidade do Rio, mas geravam problemas de infraestrutura lá (na Baixada Fluminense). Por isso temos que buscar integrar a Região Metropolitana, integrar o estado. Temos uma cidade metropolitana, esse que é o fato.

O Rio foi quem mais perdeu desde os anos 70 quando é feita a transferência da capital. Muito sucintamente minha hipótese é que (isso) tem a ver com a transferência, tem a ver com falta de reflexão e equívocos das estratégias. Nós estamos organizando números sobre o Rio, fiquei impressionado porque mais de quatro milhões de pessoas no Rio de Janeiro andam de ônibus todos os dias. Imagina o recurso que isso gera.

A perda de participação da cidade do Rio de Janeiro é muito maior, porque as capitais perdem mais nesse período. Estou totalmente de acordo com o Besserman (quando diz) que na verdade a crise não é da cidade, a crise é estadual. Foi curioso porque teve uma época que falava-se da baleia encalhada. Quando veio o novo PIB _ o IBGE atualizou em 2007, 2008 _ descobriu-se que o PIB no Brasil era maior do que pensava-se e no estado era menor e na cidade do Rio de Janeiro era 50% a mais (do que) no Amazonas.

Antigamente eu comparava muito a Região Metropolitana do Rio com (a de) São Paulo e Belo Horizonte. Agora estou comparando todas as regiões metropolitanas, todos os municípios do Sul e Sudeste. Todos os piores resultados são de municípios fluminenses.

Comparando todos os municípios de Sul e Sudeste com mais de 100 mil habitantes, (vemos que) os piores resultados são de municípios fluminenses. (Isso) mostra que no estado do Rio de Janeiro a lógica política, particularmente o clientelismo desestruturante, gera uma

desestruturação do poder público muito maior. Campo mesmo com todo o dinheiro de royalties está entre os piores resultados. Fora isso os outros são da periferia metropolitana que têm um problema grave de receita por ter pouca estrutura produtiva. Os prefeitos não querem cobrar IPTU, (os municípios) não têm uma estrutura tributária adequada. Na grande maioria dos indicadores, o Rio de Janeiro virou mais um estado nordestino. Não acho que seja exagero falar isso. Em 2010, 2011, 2012, 2013 diziam que eu era pessimista, mas eu continuo achando que eu estava certo infelizmente. A gente precisa estar discutindo isso e ser realista no diagnóstico e otimista na ação.

Saúde: uma coisa muito curiosa é que nós, também, estamos muito mal se olharmos comparativamente os indicadores de saúde. Eu gosto muito do índice Firjan de saúde e educação, mas detesto o de gestão fiscal. Porque acho que ele (o índice fiscal) demoniza o custeio e valoriza excessivamente o investimento. Se a gente fizer uma correlação entre o índice Firjan de saúde e educação, em boa medida os municípios que estão bem no índice de gestão fiscal da Firjan estão mal no índice de saúde e educação, e vice-versa.

O de saúde é um bom indicador. E a gente vê que está um pouco melhor que na educação. O que é curioso, já que a gestão da saúde é muito mais complexa que a da educação. E se quiser roubar é muito mais fácil, pois tem muito mais compra, compra muito mais diversificada. Uma suposição minha é de que talvez os conselhos municipais de saúde funcionem e de alguma forma gerem alguma inibição.

Aparte de Besserman: Acho que um fator real é que há uma sobrecarga da cidade do Rio de Janeiro que acaba produzindo resultados na Região Metropolitana. Na nossa Região Metropolitana os serviços prestados pela saúde da cidade para o povo da região são muito maiores do que nas outras...

Mauro: Mas se a gente considerar, por exemplo, a região do Médio Paraíba, proporcionalmente eles (os municípios) estão numa condição muito melhor de saúde. Isso se replica para o conjunto do estado.

Aparte de Pedro Motta: Na saúde é tudo pactuado. Você não pode chegar na saúde e fazer o que quiser.

Mauro: E o número de médicos aumentou absurdamente no Brasil inteiro desde 1988.

O gasto per capita também é baixo. Se compararmos o gasto per capita público e privado, o gasto per capita público é bem menor do que o privado.

Na parte econômica: vemos que são cidades dormitórios. Niterói se destaca como uma cidade dormitório de classe média. Tem uma renda alta. No geral, comparando a relação entre emprego privado e população, fazendo um ranking com todos os municípios com 100 mil habitantes ou mais das periferias metropolitanas de São Paulo, Belo Horizonte, Vitória, Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre, das capitais, vemos, também, que na segunda metade estão praticamente todos os municípios da periferia metropolitana do Rio. Mesmo Duque de Caxias, que tem a Reduc, a Sadia, também é pouco. Eu olhei o que tem de dinamismo e a economia privada desses municípios. Só o emprego formal. Se pegar o emprego informal melhora, mas o informal é mais uma viração.

Aparte de Besserman: Quando consideramos a antiga PME (Pesquisa Mensal de Emprego) ou Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), vai aparecer um quadro um pouco melhor porque é uma pesquisa domiciliar que não pergunta onde é o emprego. Pergunta, por exemplo, a uma pessoa de Belfort Roxo se ela está empregada. Ela diz que sim, mas o emprego é na cidade do Rio.

Mauro: Agora melhorou um pouco o total do privado. A gente vai ver que o industrial é muito pior, porque o salário mínimo aumentou muito. E mesmo quem trabalha na cidade do Rio, a família está lá em outro município. Então a capacidade de consumo nesses municípios aumentou significativamente. O salário mínimo hoje compra em dólar 3, 5 vezes mais do que se comprava em 1994, ou seja, hoje a pessoa tem uma renda em um ano que ele só tinha em três anos e meio. É uma diferença significativa.

Sobre emprego industrial: Quando falamos em desenvolvimento regional é muito importante falar sobre as atividades indutoras, que são aquelas que podem vender para fora ou atividades que podem substituir importação. Existem atividades que são induzidas, quer dizer dependem da renda que há na região. Então se eu quero dinamizar uma região, eu tenho que olhar o que pode ser vendido para fora e substituir importação. E aí a indústria que não vende só para o local que ela foi instalada, é turismo, serviço mais sofisticado, agropecuária. Quando a gente olha para a indústria, mesmo Duque de Caxias, 3,1%, ou seja, o total do emprego industrial corresponde apenas a 3,1% da população. Tem muita gente da Reduc que mora fora. Em Caxias, 40% das escolas não tem cano de água. A prefeitura tem no orçamento gasto com carro-pipa. Um fiscal de obras... A maior parte das ruas não tem CEP. Não tem cidade. Na verdade a Baixada Fluminense são uns amontoados.

Eu acho que a indústria continua tendo um peso relevante na economia. Quando pegamos Santa Catarina, proporcionalmente é o estado mais industrializado, seja do ponto de vista do emprego, que dizer aí o peso do emprego formal da indústria de transformação, Santa Catarina é de longe o que tem o maior peso. Lá há uma estrutura produtiva organizada em relação ao restante do Brasil. É claro que São Paulo é muito maior, mas o peso é menor. São Paulo tem uma agricultura muito forte. O Rio de Janeiro tem só 9,1%. O que nós temos defendido é que nós temos uma estrutura produtiva oca. Precisamos ter uma estratégia não só de listar vocações ou atrair empresas aleatoriamente, mas precisamos ver quais são de fato nossas potencialidades, principais complexos produtivos. Não é porque Santa Catarina tem micro e pequena empresa. Tem, mas também tem grande. E tem uma integração importante.

Outro ponto que tenho defendido é que o turismo é uma potencialidade do estado. Porém partimos hoje de uma base muito menor do que se pensa. Veremos agora o peso de alojamentos no total do emprego. Na avaliação que fazemos podemos dizer que até em Itatiaia a principal atividade econômica no município é o turismo. Vamos lembrar que são municípios pequenos. Na cidade do Rio de Janeiro o emprego em hotéis e pousadas não chega a 1%. É claro que hoje temos o *Airbnb*, que é forte. Vi um trabalho, não sei se é sério, que dizia que 1/3 dos turistas fica em casa de parentes na cidade do Rio, 1/3 ficam em pousadas e hotéis e 1/3 ficam em *Airbnb*.

Uma coisa curiosa: as redes de hotéis mais importantes do Rio não terceirizam. Já que a qualidade de serviço em hotel é muito importante, então se prefere treinar os empregados a terceirizá-los.

Aparte Besserman: Independente de pesquisa, temos evidências de que a geração de renda e emprego indireto por causa do turismo e a proporção de alojamentos merece essa ressalva.

Mauro: E alojamento é a ancora.

Aparte Besserman: Quando chegaram as Olimpíadas, perguntou-se: Onde as pessoas vão ficar. Acabou que sobrou hotel. Quando tem réveillon e carnaval vem muito mais gente ao Rio todo o ano e ninguém fica preocupado. Porque essas pessoas se hospedam, no passado vamos chamar de rede social analógica informal. O cara era de Goiânia, mas tinha uma tia em Copacabana. E hoje as redes sociais, Airbnb entre outras, fazem essas conexões. E a geração 26 para baixo faz turismo de uma maneira diferente. Passam dois dias no Chapéu Mangueira,

dois dias num albergue em Copacabana, dois dias na Barra e depois vão para algum lugar. Só para dizer que concordo com o teu *boom*, mas acho a ressalva importante. Merece ainda muito estudo.

Aparte de Pedro da Luz: É ridículo o afluxo de turismo aqui do Brasil, comparativamente a alguns parceiros do nosso lado, como a Argentina, por exemplo. Barcelona recebe mais turistas que o Brasil inteiro.

Mauro: É, mas Barcelona está na Europa.

Aparte de Pedro da Luz: Mas estamos falando de Buenos Aires.

Mauro Osorio: Você que é urbanista não acha que a beleza dos prédios e das ruas de Buenos Aires contribui para o maior número de turistas lá?

Aparte de Pedro da Luz: Claro. Mas o Rio tem uma arquitetura muito boa, só que é absolutamente invisível. Buenos Aires hoje em dia tem muita favela no Centro, mas (a cidade) tem uma qualidade. O metrô foi bem construído. É outro tipo de cidade.

Mauro: Buenos Aires foi a segunda...

Aparte de Pedro da Luz: Barcelona hoje em dia tem um problema sério de concentração de Airbnb no entorno da Sagrada Família e é uma coisa que está estourando com a economia dos hotéis de lá. Estão pensando em começar algum tipo de fiscalização sobre essa atividade.

Mauro Osorio: O Airbnb não paga imposto, é uma concorrência desleal.

Aparte de Sérgio Besserman: Quem quer apostar comigo que uma pilha de hotéis vai virar prédios de assistência a idosos? Já aconteceu em tantas cidades. E a gente super investiu. Em um mundo com Airbnb e outros aplicativos, não precisa mais.

Aparte de Pedro da Luz: O turismo do Brasil não é o mesmo turismo da Europa. Você vai visitar os hostels e vê que eles têm 95% de ocupação o ano inteiro. Aí você vai ver e o preço é barato. O grande turismo aqui no Brasil é de argentino, chileno, paraguaio e brasileiro.

Mauro: O nosso foco de turismo é América Latina, porque o tempo de viagem conta muito.

Aparte de Sérgio Besserman: O chileno vem pra cá porque é uma epifania, nunca mais volta a ser o mesmo.

Mauro Osorio: O réveillon tem uma diferença importante com relação ao carnaval. No réveillon chega muita gente no Rio e quase ninguém sai, no carnaval chega muita gente e sai muita gente. Chega mais a garotada e sai gente mais velha que tem capacidade de consumo maior. O ISS da cidade do Rio de Janeiro não se altera no carnaval.

Aparte de Sérgio Besserman: Acho que os estudos de turismo precisam de detalhamento desses dados, ao invés de usar só séries mais macro para tentar desvendar esse *business*. Esse tipo de informação é mais relevante. Eu ia dar uma outra (ideia) nessa linha do carnaval e réveillon mas mais no aspecto pragmático: Quebrar o cartel global de turismo de cruzeiro. Nós recebemos cruzeiros na época que não tem nada a ver com a alta temporada turística mundial. Nós temos oferecido um inverno que é o sonho do turista: pouca chuva e uma temperatura agradável. A praia com 44° é para quem tem 18 anos. Mas a gente não recebe cruzeiro (nessa

época de inverno) porque isso é um business cartelizado. Se a gente quebrar isso, começamos a receber...

Aparte de Pedro da Luz: Isso é uma coisa totalmente monopolizada, não? Para se investir num navio desses... Como que se quebra esse monopólio?

Besserman: Despertando um concorrente, um brasileiro, um coreano, ou pegando uma empresa que esteja ameaçando de ...

Aparte de Fernando C.: Mauro você sempre chama a atenção para essa pouca importância do turismo medido por alojamento, mas essas outras atividades, como comércio e artesanato, mesmo que não gerem receita pública, como que ficam?

Aparte de Pedro Luz: Eu acho que a indústria do turismo tem um potencial, especialmente no Rio de Janeiro, que é subexplorado. E não só da cidade, mas também Petrópolis, Vassouras, Região dos Lagos, Búzios.

Mauro Osorio: É subexplorado claro, mas essa atividade nunca vai ser a principal atividade econômica da cidade do Rio de Janeiro. É uma cidade de 6,5 milhões de habitantes e uma metrópole de 13 milhões. Não tem como. Mas é claro que isso é subexplorado, você vai para Mangaratiba, por exemplo, só tem turismo nas ilhas. Em Itacuruçá e Muriqui não tem um hotel sequer de frente para o mar. Sobre as ilhas, aquilo é muito mais um enclave, tem pouca relação com o município.

Aparte de Pedro da Luz: Se você for pesquisar a balneabilidade de Paquetá, vai ver que às vezes a balneabilidade de lá é melhor do que a da Praia do Flamengo. Porque está na entrada da Baía de Guanabara. É um paraíso. Agora quem conhece Paquetá?

Aparte de Pedro: O carnaval não produz mudança em relação ao ISS, mas ele muda de ator. Esse que é meu questionamento. Para o governo não entra receita, mas tem atividades comerciais que talvez dependam do carnaval para existir.

Mauro: Existe uma economia do carnaval, mas o artesanato, por exemplo, não faz cócegas na economia da cidade. A economia do carnaval é importante, mas quem mais ganha com o carnaval é fábrica de cerveja, que não paga ISS e sim ICMS.

Aparte de Sérgio Besserman: Se entre a Grota Funda e ... as Vargens e Guaratiba... Se faz um projeto de polo gastronômico, de ... já gera um impacto em Itacuruçá e Coroa Grande enorme. Porque as pessoas já têm um destino (o trecho está muito ruim de ouvir).

Mauro Osório: Estou inteiramente de acordo. O Rio de Janeiro tem que pensar no off Zona Sul. O turista gosta de ver o diferente. Por exemplo, o Sítio Burle Marx é muito menos explorado do que poderia e vai muito estrangeiro lá. O Marquinhos de Oswaldo Cruz tem uma proposta de fazer um museu a céu aberto em Madureira. É uma proposta muito interessante, tem muita coisa de história lá. O Trem do Samba junta mais de 100 mil pessoas, é o terceiro evento da cidade. A Festa das Yabás se colocar uma graninha junta 5 mil pessoas.

Aparte de Sérgio Besserman: A gente tem um pavilhão da cultura nordestina no Rio e é evidente que o afrodescendente deveria ter um local, conhecido por todos. O mercadão de Madureira é um pouco isso, mas não é exatamente isso.

Mauro Osorio:
A Cadeg pode ser mais explorada.

Aparte de Pedro da Luz: A Zona Portuária.

Mauro: Alimentação: Quando a gente vai para o interior fluminense tem um argumento forte que diz que o turismo é sazonal e essa atividade tende a ter mais informalidade do que a média das outras. Eu acho que é um argumento forte. Aí fomos olhar qual era o peso de alimentação. Porque mesmo que o camarada fique em uma pousada que só funcione final de semana ou talvez um pouco mais e não tenha ninguém formal ali, bar e restaurante tende a ter uma formalização maior. E vemos que onde tem mais hotel e pousada, proporcionalmente, tem mais empregos em bares e restaurantes. Quer dizer a correlação... São João de Meriti aparece forte porque tem uma concentração absurda de pessoas por metro quadrado, deve ter muito botequim lá. Aparece em Itatiaia, Arraial do Cabo e outros. Mas quando vemos Petrópolis, o emprego em bares e restaurante é ridículo. Basicamente o que tem lá de bar e restaurante é para atender morador.

Se não o peso tinha que ser um pouco maior do que aquilo ali. De fato você tem turismo naqueles distritos que não é na parte central de Petrópolis, mas no conjunto...

Aparte de Pedro da Luz: ... virou um centro gastronômico.

Mauro: ali é muito botequim e a renda aumentou muito. E lá também tem pouco emprego formal então a alimentação sobe. Ou seja, o emprego em bar e restaurante em Friburgo, Petrópolis, Teresópolis é basicamente para atender morador, não tem um peso um pouco mais proporcional.

Aparte de Besserman: Alimentação eu acho até que seria interessante a gente... Acho uns dos aspectos importantes... Eu gostaria, por exemplo, de fazer... precisaria de números . Alimentação nunca gera muito emprego em função do turismo, mas isso é em qualquer lugar. Eu não consigo imaginar um negócio de alimentação em cidades como Teresópolis só com turismo sábado e domingo. Em outras cidades, outros padrões, pode ser diferente.

Mauro: A gente já fez, não está aí. Pelo peso no número de estabelecimentos.

Conselheiro 41:53: Mas aí o formal.

Mauro Osorio: É. Mas o número de estabelecimentos, o cara abre um bar e de alguma forma ele vai ter alguma forma de formalização na maior parte dos casos para não entregar o empregado. Tem muita gente informal. Mas no estabelecimento a gente fez e não dá muito diferente.

Aparte de Fernando C.: Negócio de comida de praia. Comida e bebida.

Mauro Osorio: Sim. Mas na região serrana não tem praia.

Aparte de Besserman: Na Lagoa Rodrigo de Freitas há menos de dois anos surgiu uma nova tradição milenar do Rio de Janeiro que é vans e carrinhos vendendo quentinha para classe média e para trabalhador. Aqui nunca existiu isso na Lagoa. É tudo informal.

Mauro Osorio: O turismo no Rio só tem na Zona Sul, alguma coisa na Barra da Tijuca e ponto. Isso aí do ponto de vista de emprego é 10% de emprego da cidade.

Aparte de Fernando C.: Mas isso aí é em toda a cidade do mundo. O cara vai visitar Manhattan e não o Brooklyn.

Mauro Osorio: Você acha que Nova Iorque vive de turismo?

Aparte de Fernando C.: Não, mas tem um peso grande. Tira o turismo de Nova Iorque.

Mauro Osorio: O turismo lá é mais de negócio.

Conselheiro 43:11:

Não, é impressionante. Isso aí eu acho que não Mauro. Tem engarrafamento de gente na rua, na calçada. O comércio de rua em Nova Iorque deve faturar muito.

Mauro Osorio: Mas se pegar o turismo de NY de negócio, eu nunca estudei isso, mas eu aposto que deve ser maior do que o de lazer.

Aparte de Fernando C.: Por acomodação tudo bem. Mas estou falando das outras atividades.

Mauro Osorio: Por eventos, por negócios, por congressos, tudo isso.

Aparte de Fernando C.: Nós estamos falando de atividades que talvez você não consiga mensurar, mas que fazem parte dessa atividade turística. A compra e venda de roupa, por exemplo. Quantas pessoas vêm de Minas Gerais para comprar roupa no Rio de Janeiro, que às vezes tem igualzinho lá e mais barato?

Mauro Osorio: Você acha que isso vai alimentar o 2º PIB do país?

Fernando: Não, eu estou falando que você não pode desprezar. Você tem batido muito contra isso.

Mauro Osorio: Sim, querido. Porque no imaginário tem gente que acha que a maior atividade econômica da cidade do Rio é o turismo.

Fernando: No meu caso não é. Não sou imaginário.

Mauro Osorio: O que eu tenho procurado é baixar a bola pra isso, está certo? E agora mesmo, por exemplo, a CNC (Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo) fez um texto totalmente ufanista e fora da realidade. Soltou agora. Aí a Fecomércio (Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado do Rio de Janeiro), a FGV (Fundação Getúlio Vargas), que vamos combinar... A gente chega lá diz o que é que quer e fazem. Então não dá. A FGV Projeto fez um estudo em novembro dizendo que a cidade no Rio de Janeiro tinha umas finanças maravilhosas. O Crivella chegou e contratou outro estudo que disse que não.

Aparte de Israel: Mas uma coisa que o Sergio falou que eu acho relevante é que o turismo não é uma atividade homogênea. Então o estado do Rio de Janeiro por mais que ele tenha uma relevância menor do que o imaginado, ele vai ser (incompreensível) de formas diferentes. Petrópolis e até a Região dos Lagos (incompreensível) e é o peso dos domicílios do Censo, só contar o número de residência, são casas de veraneio.

Mauro Osorio: Pois é, se você tem muito turismo segundo a residência, tudo bem que você pode fazer churrasquinho em casa, mas provavelmente você também vai a restaurantes. E também tem sazonalidade, que também é um problema.

Conselheiro 47:02: Geralmente quando a economia do Brasil vai mal prejudica o turismo. Eu acho que não é salvação nenhuma da economia...

Mauro Osorio: Eu tenho discutido muito a ideia de complexo. Eu acho que os principais são petróleo e gás. Continua sendo, para o bem o para o mal. Complexo econômico industrial da saúde, da inovação, Carlos Gadelha esteve aqui com a gente fazendo uma apresentação. (Indústria) Farmacêutica está dentro desse complexo e o complexo do...(?) , entretenimento, esporte, cultura e mídia. O Rio pode ser capital do esporte da América Latina. Então é pensar os complexos que têm sinergia entre si. Num deles o turismo tem papel importante.

Aparte Vilhena: Em relação a essa questão da sazonalidade do turismo, estive em Lima em julho e vi que a prefeitura está criando eventos como o espetáculo de água, luzes e cores no Parque da Reserva que está sempre cheio de gente. Cheio de ônibus de turismo levando os turistas para assistir essa apresentação. Vi também o aeroporto de Lima lotado de turistas.

Aparte de Pedro da Luz: Turismo no Peru é oito vezes maior.

Mauro: Mas tem Machu Picchu...

Aparte de Pedro da Luz: Mas tem Lima também.

Aparte Vilhena: O que estou querendo dizer é que a gente poderia criar eventos para esse turismo fora das grandes festas (Carnaval, Réveillon...).

Aparte de Pedro Cascon: Qualquer destino no Peru o garçom te serve com requinte, porque ele é preparado para turismo. Eles investem uma grana em turismo.

Mauro: Agora, o Peru está rico? O salário do turismo é muito baixo.

Aparte de Pedro Cascon: Tinha gente no meu hotel, paulistas, que foram para lá para fazer turismo gastronômico em Lima. Eles vão para comer. Pegam o avião, descem, comem e depois voltam para São Paulo.

Mauro: O Egito é um país rico?

Indiscutivelmente o turismo no Rio pode crescer muito. O dado de que emprego em hotéis e pousadas na cidade do Rio de Janeiro é menos de 1%, de uma forma ou de outra, surpreende. O fato que o ISS (Imposto Sobre Serviços) da prefeitura não sofrer alteração surpreende. E hoje no interior fluminense os dados são esses e, também, mostram uma situação do turismo muito menor do que a do nosso imaginário. Do que a que sai na mídia. E acho que a gente tem que pensar o turismo junto com esporte, com cultura, com cinema e vídeo, pensar em eventos. O Rio de Janeiro ainda é líder em eventos científicos, mais do que São Paulo. São Paulo é líder em feiras.

Outra coisa, teve um *boom* no momento Cabral, momento mágico, hora da virada,.. fazendo um pouco de ironia também... Isso aí (referência ao slide) é o total da receita, menos do que se transfere para os municípios e não estão aí dentro os investimentos federais diretos, mas os royalties estão aí dentro. Cresce muito menos que o Brasil, até antes da crise. Então não teve boom.

Aparte de Fernando C.: Isso tem a ver com a queda do petróleo?

Mauro Osorio: Não porque isso é antes. Preço do petróleo é a partir de 2014. Então não teve *boom*. A nossa máquina é tão desestruturada que não adiantou a proximidade do Cabral com Lula. Não se consegue nem montar projeto.

Aparte de um conselheiro: Mauro, em 2014 a gente já estava um pouco em crise, então 2013 não seria tão diferente.

Mauro Osorio: Não. A crise no Rio começou um pouco antes. Porque o preço do petróleo começa a despencar antes, mas na verdade começa a cair mesmo em 2014.

Aparte de outro conselheiro: O preço do petróleo só cai em dezembro de 2014.

Mauro Osorio: Aí o ICMS... “O problema é incentivo fiscal”, tem gente que adora falar isso. O ICMS cresceu muito mais do que o total da receita. Se o problema fosse incentivo fiscal, o ICMS tinha que ter puxado para baixo e puxou para cima. Então para mim isso é um exemplo definitivo. Não tem 180 bilhões. Até mesmo o Ministério Público falou nisso. É uma bobagem. Uma irresponsabilidade.

No estado do Rio de Janeiro a receita nunca cresceu igual à nacional. Simplesmente porque somos uma economia com baixo dinamismo.

O senso comum diz que teve um *boom* no Rio de Janeiro no período do Sérgio Cabral. Não teve, porque tem uma máquina pública tão desestruturada que você não consegue fazer projeto.

E o Comperj é o símbolo do debate equivocado no Rio de Janeiro e da irresponsabilidade. Porque nunca ia ter o Comperj, como petroquímica nunca iria ter.

Os incentivos fiscais têm que ser discutidos? Têm, mas não foram a causa da crise. Esse que é o ponto. É uma irresponsabilidade muito grande dizer que é. Pois se fosse o incentivo, cortava o incentivo que a crise estava resolvida, mas não é. Ah, mas teve aumento no pessoal ativo. Não teve muito aumento de pessoal ativo no Rio de Janeiro. Entre 2006 e 2017 o número de funcionários ativos cai. Aliás, no Brasil inteiro, o funcionalismo estadual nesse período cai e no Rio cai mais. Porque tem muita aposentadoria. Então não é porque aumentou gasto. É uma crise de receita.

Além da questão da aposentadoria, as pessoas ativas, também, estão indo embora. E aí a FIRJAN diz que tem que cortar gastos. Eu quero saber onde! Não tem, por exemplo, assistente social nenhum nos quadros do estado na Secretaria de Ação Social.

Onde é que tem funcionalismo estadual no poder executivo estadual? Saúde, educação e segurança.

A questão aqui é rebater a tese de muita gente de que aumentou muito o número de funcionários públicos no período Cabral. Não aumentou. Nem a despesa.

Os dois estados que menos gastam, ou seja, o gasto de pessoal com relação ao gasto total do Poder Executivo, são o Rio de Janeiro e o Espírito Santo. Eles têm o menor gasto proporcionalmente. Só o Executivo. O Legislativo e o Judiciário, do Rio, gastam muito mais proporcionalmente do que os outros estados. Mas o total juntando o Ministério Público, o Legislativo, Tribunal de Contas, CJ ... o total de gasto do estado. Então, também, não é isso que vai resolver. Então fica o desafio para Firjan para nos mostrar onde devemos cortar pessoal.

A tese do marco de poder que a gente defende mostra que os setores com mais poder acabam pressionando e conseguindo um naco maior no orçamento. Então eu acho que isso explica, ou melhor, reforça a ideia que tem que ter um marco de poder específico no Estado do Rio de Janeiro. A questão que aqui é desorganizado. Os hospitais estaduais são um horror.

Vejam como é o debate no Rio. Em 2000 quando Cabral foi eleito ele começou a apanhar por causa do número de alunos do ensino médio que tinha caído. Falei que poderia ser porque tem menos gente, tem a questão demográfica, envelhecimento e fomos analisar. E vimos uma distorção em idade-série, em termos absolutos, maior do que em São Paulo. Refizemos a conta e deu a mesma coisa. Tinha um menino muito esperto que trabalhava no nosso grupo de pesquisa, o Celso, que disse que achava saber o motivo. É que no Rio tem gratuidade para quem está matriculado em escola pública. E então tem gente que se matricula só para ter a gratuidade e nem passa na porta da escola. Aí fica reprovado.

Encontrei o Cabral no evento da BBR e aí falei para ele o que estava acontecendo, que ele estava apanhando por motivos não justos. E aí a Fetranspor também tinha interesse e fez uma coisa mais rigorosa onde o aluno precisou ir à escola. Então a distorção idade/série diminuiu, o Rio de Janeiro no ranking saiu de 25º e foi para 15º/14º. O secretário na época virou o gênio da Educação, mas na verdade quem deu a solução fui eu e não levei um crédito por causa disso.

Aparte de Fernando Cavallieri: É impressionante a despesa com previdência social. Quase 40%.

Mauro: O que acontece aqui? Aqui não renovou. Temos uma máquina pública das antigas e uma estrutura produtiva menos densa, então temos menos receita tributária, mais royalties. E (O Rio de Janeiro) tem uma estrutura de funcionalismo mais antiga.

Analisar gasto público e evolução é algo muito complicado, pois de vez em quando os critérios são mudados. O estado tem uma margem de mudança de critérios que quando se analisa a série histórica percebe-se que é preciso olhar o detalhe. Ou seja, na verdade não é porque uma coisa aumentou outra diminuiu, é porque o critério de contabilização mudou. E isso não é raro, é bastante comum.

Somos todos convidados a estudar mais o Estado do Rio de Janeiro.

Há uma série de despesas que você não tem como diminuir. Aí a receita despenca. Se a receita despenca, “cresce” o percentual sobre a receita, mas uma parte do gasto você não tem como comprimir. A receita caiu, mas muito gasto não caiu. Então ele tem que dar uma proporção do gasto para outras coisas. Teve uma época em que não se conseguia pagar pessoal.

O Rio é o lugar do Brasil que tem mais bombeiro. Tem mais do que São Paulo. Tudo bem que aqui tem a questão do SAMU, mas não explica.

Isso aí é para mostrar o peso da crise. A gente entra nessa crise mais frágil e aqui é a tempestade perfeita, tem a Petrobrás, os empreiteiros com peso forte aqui. A cidade do Rio perdeu mais emprego do que a cidade de São Paulo. Quer dizer, o estado de São Paulo perde um pouco mais do que o estado do Rio de Janeiro, mas a economia de lá é o triplo.

O peso do informal no Rio é menor do que a média brasileira.

Ali em 2018 tem alguma recuperação do emprego. Você perdeu 3 milhões entre 2.015 e 2.108 e recuperou 500 mil em 2018, mas o Rio continua ali patinando. Na cidade do Rio o positivo é 700 empregos só.

Aparte de Fernando Cavallieri: No total do estado do Rio é 5 mil de saldo positivo.

Mauro: No ano de 2018. O que não é nada.

Aparte de Fernando: Sim, não é nada. Porque perdeu em vários setores.

Mauro: Tinha perdido 500 mil, quer dizer recupera 1%.

Mesmo com a construção civil no Rio de Janeiro crescendo mais do que a média brasileira, nesse período 2006-2015, o emprego formal cresce menos do que a média nacional.

Obviamente depois de tudo que a gente discutiu, é claro que um grande desafio para o Rio de Janeiro é a reestruturação do setor público. A dissertação de mestrado do **Israel (1:23)** é sobre isso, a ideia de ter um sistema regional de inovação. A ideia de se ter uma política de ciência e tecnologia articulada à realidade regional e à estrutura positiva regional.

Outra coisa é você ter um planejamento como rotina. Temos que procurar fortalecer a cultura do planejamento. Nos anos 90 ficou muito em moda contratar a, a gente pode contratar consultoria, universidade, mas é preciso ter memória.

Isso é uma coisa que nós temos discutido. Aliás, aqui avançamos pouco. Mas agora a gente já vai ter a receita por região da cidade. Isso é uma coisa que a gente já conseguiu avançar bem. E vamos ter isso online aqui. Não só do ponto de vista do ISS, mas das notas fiscais. Acredito que não terá problemas de resistência da máquina, com a Controladoria e a Fazenda para a gente olhar como é que gasta por região na cidade. E estaremos estimulando que outras regiões passem a fazer isso. Acredito que nenhum lugar faça a coleta dessas informações organizadamente. Será um convênio entre o IPP e a Fazenda e eles vão dar todas as notas fiscais para a gente. Então a gente vai ter compromisso de confiabilidade.

A gente já está colocando na sala do Barbieiro e do prefeito a receita dia a dia e ele vai poder olhar da sala dele. Pode abrir por setor. E aí vou tentar fazer um convênio com o estado para a gente ter também o ICMS. Mas acho que o estado não vou ter por região da cidade. Mas se eu tiver o ICMS por total do estado já ajuda bastante estar acompanhando isso até para a previsibilidade de receita da prefeitura. Eu vou acompanhar como isso acontece. Isso é muito importante hoje.

O governo Lacerda fez uma coisa inovadora na época. Ele fez o orçamento como a lei manda e dividiu em atividade fim e atividade meio e deu um número muito alto para atividade fim em relação à atividade meio, que é outra forma de você olhar. Política de adensamento produtivo por região do estado, isso é importante, superar a estrutura produtiva oca.

Eu tenho defendido que sem infraestrutura a gente não vai resolver Baía de Guanabara e nem as questões de telecomunicações. O conjunto de infraestrutura para periferia metropolitana não deixa de ser dormitório. Como isso será financiado é outra discussão. Os números que a Câmara Metropolitana levantou não são nem tão altos assim. Têm bancos internacionais, tem aí BNDES que está falando que vai entrar mais em infraestrutura, mas é uma coisa que é absolutamente decisiva, um pressuposto.

Pode ter parcerias, é claro. Mas acho que tem que entrar bancos internacionais e bancos públicos nacionais. E na linha do Albert Richman isso pode ser um dos starts porque a construção civil é muita "imperadora" e ao mesmo tempo você está viabilizando infraestrutura.

A Agência Metropolitana que foi criada, as críticas que eu faço _ Cascon, se eu tiver errado me corrija porque eu não vi a última versão _ (são que) não tinha uma posição em relação à construção de um plano de carreira. Eu acho que precisa. Acho que tem que usar a Fundação CEPERJ como base, fortalecer a Fundação CEPERJ é vital. A direção da Agência tinha que ser uma decisão, pode o governador indicar, mas tinha que ser aprovada pelo conselho. Mudou na última, ok. Mas é um avanço. Ninguém acreditava que iria acontecer.

Crédito é fundamental. Temos 500 mil nem-nem pelo Censo de 2010. Política para a juventude. Saúde consorciada, Questão tributária que é essa questão que a gente estava tendo, questão de saneamento, de despoluição. A água parece que avançou. Teve empréstimo para a CEDAE.

Eu acho que também temos que discutir a regionalização do estado do Rio de Janeiro, como é que foi criada essa regionalização atual? A região Centro Sul conta a lenda que um governador dos anos 80 que falou assim “esse médio Paraíba está muito grande, traz uma caneta aqui”. Aí ele falou “está criada a região Centro Sul”.

Petrópolis não tem nada a ver com Friburgo. Só que os dois estão no alto. Ou seja, precisamos rever a regionalização atual.

O Arco Metropolitano, prioridade do transporte de carga, questão da cidade dormitório..

Não temos nenhuma articulação com as Forças Armadas. Tem muita coisa aqui. Ver o que pode ter sinergia.

Aparte de Pedro da Luz: A questão é que precisava ter política agrícola na Região Metropolitana mesmo. Não sei quanto da merenda servida na escola vem do município de SP. O Rio de Janeiro é um vazio agrícola que tinha um potencial agrícola imenso.

Aparte de Bersserman: E no mundo inteiro, o movimento ativista principalcuidar da alimentação.

Aparate de Mauro: Agricultura familiar é claro que pode ter um peso menor do que o turismo. Mas é importante. Quer dizer a prefeitura do Rio passar a usar mais o poder de compra.

Aparte de Pedro da Luz: Não é só a agricultura familiar, mas a atividade indutora da agricultura. Essas chácaras podem conter um pouco. Um cara chega para o prefeito de Duque de Caxias e diz: vou fazer um Minha Casa, Minha Vida. Você acha que o prefeito não vai querer?

Mauro: Mas aí a questão da legislação tem uma força maior. Porque na Europa você sai meia hora de trem e porque ou você usa para a agricultura ou ele não pode fazer nada com aquele terreno. É proibido.

Aparte de Pedro da Luz: Mas acho que a atividade econômica agrícola é rentável.

Mauro: Não é o que a legislação na Europa. Você tem aí uma especulação imobiliária complicada

É claro que o poder de compra do Estado é fundamental. Precisa ter política.

Mauro: Voltemos à questão do marco de poder. Um dia, eu estava em Lumiar e tinha um engenheiro que mora lá. Ele contou que naquela região de Nova Friburgo/ Teresópolis se usa agrotóxicos de uma maneira absurda, e aí o trabalhador fica prostrado. Para ter mais energia ele cheira cocaína, como muitos se locomovem de moto há muitos acidentes.

Naquela época vocês estavam na Secretaria de Desenvolvimento Regional. Eu conversei com um rapaz que cuidava do CEASA. Ele andou conversando com alguns técnicos e falou que tinha sentido. Como a máquina é muito desestruturada, não tem fiscalização.

Conselheiro: Temos duas questões: a questão alimentar e da expansão urbana que é absurda. A Secretaria de Agricultura tinha um programa com financiamento do Banco Mundial – Rio Rural – com micro bacia e tal. Iam escolher alguns cantos, inclusive até com recuperação de paisagem rural, com arborização, mata ciliar, e criar um selo de qualidade agrícola. O estado cria o selo e os parâmetros que tenha uma base – saúde, agrotóxicos, a questão de recuperação ambiental – e busca a comercialização. A comercialização não tem empresa. Os caras são muito primários, não têm estruturação empresarial para poder vender para o estado. Para vender hoje e receber daqui a dois meses, para morrer de fome, comer a horta e depois

morrer de fome. O cara que é intermediário, tem uma graninha, um caminhão, passa a dar uma merreca para o agricultor e ele fica com dinheiro no bolso. Essa lógica tem que mudar.

Mauro: Nós temos uma máquina estadual muito desestruturada e um círculo vicioso, a questão é quais são os “starts” que podem começar a reverter esse tipo de coisa. Acho que o Plano Marshall seria um deles. Tem que ver como é que faz.

A questão portuária. O lobby do porto do Rio é absurdo. E o porto do Rio está engargalado pela cidade. Nós somos um estado litorâneo. Como é que a gente faz?

Conselheiro: Sepetiba e libera o Porto do Rio.

Mauro: E agora ainda tem o Açú. Agora gera muita receita para a Prefeitura.

Conselheiro: O Mauro está falando do Açú, por exemplo. Eu participei de cálculos, dava para o Norte Fluminense, principalmente o Noroeste entrar na indústria florestal. O eucalipto não tem a produtividade de outros lugares, e a ... também, mas a proximidade com o porto de Açú ... dá competitividade internacional.

Mauro: A logística é importante. Desculpe se foi demorado. Discute um pessimismo, mas a agente tem que ser realista no diagnóstico e otimista na ação para conseguir, não sei quando. Mas precisamos discutir. A luta continua. Obrigada.

O presidente Mauro Osorio agradeceu aos presentes e encerrou a reunião do Conselho Estratégico.

A Assessoria de Comunicação tomou notas e elaborou esta Ata, que será assinada pelos conselheiros presentes. Eventuais correções serão encaminhadas pelos conselheiros e constarão da ata da próxima reunião do Conselho.